

JOURNAL OF
DEMOCRACY
EM PORTUGUÊS

Volume 2, Número 1, Maio de 2013

Dossiê Primavera Árabe

Democracia Árabe ou Revolução Islâmica?

Hillel Fradkin

Não Haverá uma Revolução Islâmica

Olivier Roy

Dossiê China

**Reforma de Cima para Baixo ou
Revolução de Baixo para Cima?**

Cheng Li

Autoritarismo e Contestação

Zhenhua Su, Hui Zhao e Jingkai He

**O Putinismo sob Cerco:
Implosão, Atrofia ou Revolução?**

Lilia Shevtsova

CONSELHO EDITORIAL

Bernardo Sorj
Sergio Fausto
Diego Abente Brun
Mirian Kornblith

CONSELHO ASSESSOR

Fernando Henrique Cardoso
Antonio Mitre
Larry Diamond
Marc F. Plattner
Simon Schwartzman

TRADUÇÃO

Global Translations

REVISÃO TÉCNICA

Rodrigo Brandão (coord.)
Isadora Feitoza de Carvalho
Gabriela Gasparotto Souza

Apresentação

Egito, China e Rússia têm ocupado espaço crescente do noticiário internacional pela emergência de movimentos de contestação à ordem política estabelecida. No Egito, a contestação se transformou em revolta popular e resultou em mudança de governo e do regime político. Não é claro, todavia, dado o alto nível de instabilidade, quais serão as características – se mais ou menos democráticas – da nova ordem política em formação no maior país muçulmano do mundo árabe, peça-chave no complexo tabuleiro geopolítico do Oriente Médio. Na China e na Rússia, o cenário é outro. Nesses países, a ordem política estabelecida demonstra maior capacidade de reprimir e absorver os movimentos de contestação. Ainda assim, a incerteza política e o risco de instabilidade cresceram nas duas potências, ambas com assento no Conselho de Segurança da ONU e com relevância geopolítica global.

Os dois artigos que abrem esta edição apresentam visões contrapostas sobre os desdobramentos das “revoluções” no mundo árabe, em geral, e no Egito, em particular. Hillel Fradkin, do *think tank* conservador Hudson Institute, argumenta que está em curso uma revolução islâmica no Egito. Por trás de um discurso moderado e de adaptações táticas às circunstâncias, a Irmandade Muçulmana, principal força política do país, à qual pertence o presidente eleito, Mohamed Morsi, não teria abandonado o objetivo último de estabelecer um Estado islâmico. Esse propósito coincidiria com a aspiração do Egito “profundo”. A liderança da Irmandade Muçulmana e a maioria eleitoral islâmica condenariam as minorias urbanas, liberais e seculares a derrotas sucessivas até a eliminação de qualquer vestígio de democracia no país. O espectro do Irã ronda o Egito, na visão de Fradkin. As consequências para a região e para o mundo seriam funestas.

Olivier Roy, do European University Institute, discorda frontalmente. Em resposta a Fradkin, critica-o pela obsessão com uma suposta essência ideológica imutável da Irmandade Muçulmana. Que ela não é liberal e fará o que estiver ao seu alcance para manter e expandir o poder conquistado nas urnas, Roy não discute. Assim como não descarta que o Egito retroceda para um regime autocrático. Mas o novo regime não será expressão do islamismo radical. Um governo não democrático da Irmandade – se vier a existir— será social e culturalmente conservador, mas não revolucionário. O espectro do Irã não ronda o Egito. Ali, não há clero revolucionário coeso, líder carismático como foi o aiatolá Khomeini, organizações paramilitares capazes de se contrapor às Forças Armadas. Nem o Estado teocrático temido por Fradkin, nem necessariamente a democracia sonhada pelos jovens da Praça Tahrir. Para Roy, o futuro previsível do Egito se situará em algum lugar entre esses dois modelos.

O outro par de artigos desta edição é antes complementar do que antagonico entre si. “Reforma de cima para baixo ou revolução de baixo para cima”, de Cheng Li, da Brookings Institution, e “Autoritarismo e Contestação”, de Zhenhua Su *et alli*, professor da Universidade de Zhejiang, dão sequência ao “dossiê” sobre a China, iniciado no número anterior. Ambos colocam em xeque a tese de que o Estado e o Partido Comunista da China são invulneráveis aos impactos das transformações socioeconômicas em curso no país. Assinalam que a tese da invulnerabilidade do regime subestima não apenas os seus conflitos internos em torno da agenda de reformas, mas também a insatisfação social com o enorme poder monopolizado pelo partido, desgastado por sucessivos casos de corrupção e pela gestão desastrosa de crises sociais ou ambientais localizadas, mas frequentes. Os autores se referem ao número crescente de “incidentes de massa” (expressão oficial para protestos coletivos). A resposta do regime tem sido essencialmente repressiva. Os gastos com a manutenção da “estabilidade social” aumentaram a ponto de

equiparar-se às despesas com a defesa externa do país, afirmam. Seria insustentável a tentativa de encapsular repressivamente uma sociedade cada vez mais urbanizada, dinâmica e insatisfeita com a concentração de poder, riqueza e privilégios nas mãos da burocracia estatal e partidária, e de empresários com conexões especiais com os donos do poder. A questão que se coloca, para os autores, é se o medo de uma explosão social generalizada será suficiente para que a nova liderança chinesa se arrisque a fazer reformas que reduzam os privilégios do Estado e do Partido Comunista e ampliem a autonomia econômica e política da sociedade chinesa.

A perda de apoio social de regimes não democráticos é tema também do artigo que fecha esta edição. Sob a liderança de Vladimir Putin, se estabeleceu na Rússia um regime de poder crescentemente autoritário e personalista, a despeito da realização de eleições e da manutenção de um sistema pluripartidário. Em “O Putinismo sob Cerco: implosão, atrofia ou revolução?”, Lilia Shevtsova, do Centro Carnegie, de Moscou, descreve as características e analisa as causas do “Movimento de Dezembro”, a onda de protestos deflagrada ao final de 2011 depois que o partido de Putin conquistou a maioria parlamentar em eleições consideradas fraudulentas. Os protagonistas dos protestos foram membros da classe média dos principais centros urbanos do país, em geral mais jovens e mais instruídos que a média da população. A fraude eleitoral foi a gota d’água em um copo cheio de frustrações com as promessas de modernização política. Com Putin reeleito à presidência, em março de 2012, os protestos refluíram, não apenas pela ampla vitória eleitoral do líder russo, mas também pelas próprias dificuldades de organização e unificação do heterogêneo “Movimento de Dezembro”. Shevtsova, todavia, argumenta que as causas profundas dos protestos continuam presentes. A autora descrê da capacidade de auto-reforma do sistema de poder organizado por Putin. Reconhece, porém, que ele se assenta, por ora, em pilares suficientemente fortes para sustentá-lo: os interesses do complexo militar-industrial e de

energia, o nacionalismo russo e a apreensão dos governos ocidentais que preferem uma Rússia estável, ainda que não democrática, a uma Rússia em vias de mudanças imprevisíveis.

Bernardo Sorj e Sergio Fausto

Diretores de Plataforma Democrática

O Putinismo sob Cerco:

IMPLOÇÃO, ATROFIA OU REVOLUÇÃO?*

Lilia Shevtsova

*Lilia Shevtsova dirige o Programa de Política Doméstica e Instituições Políticas da Rússia, do Centro Carnegie de Moscou. Entre seus livros estão *Change or Decay: Russia's Dilemma and the West's Response* (em coautoria com Andrew Wood, 2011). Seu trabalho "What's the matter with Russia?" foi publicado na edição de janeiro de 2010 do *Journal of Democracy*.*

A onda de protestos em massa desencadeada pelas eleições parlamentares de dezembro de 2011 e pelas eleições presidenciais de março de 2012 na Rússia pôs um fim ao *status quo* pós-comunista. A agonia do regime de Vladimir Putin é aparente, mas não sabemos ainda se a marcha fúnebre já soou para o "sistema russo". Baseado no personalismo, na fusão de poder político e recursos econômicos e em um modelo estatal-militarista de autoridade que se autoperpetua, esse sistema pode ter chegado ao fim. Mas também pode ser o caso de a sociedade russa ainda ter um longo caminho a percorrer antes que se possa dizer que ela rompeu com o resistente legado de um passado autoritário.

Além disso, o que exatamente irá substituir o atual sistema personalista (*system of personalized power*)? E essa substituição – qualquer

*Publicado originalmente como "Putinism Under Siege: Implosion, Atrophy, or Revolution?", *Journal of Democracy*, Volume 23, Número 3, Julho de 2012 © 2012 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press

que seja ela – entrará em cena *antes* que o sistema comece a se desfazer? Ninguém pode afirmar. Podemos ter certeza, no entanto, de que a transformação da Rússia só virá quando seus cidadãos fizerem pressão suficiente, e também de que a trajetória da Rússia terá implicações não somente para a ordem internacional, mas também para as perspectivas democráticas em todo o espaço pós-soviético.

A superfície normalmente plácida da vida política russa entrou em um turbilhão no dia 5 de dezembro de 2011, quando cidadãos indignados encheram as ruas das grandes cidades do país para protestar contra a eleição para o preenchimento das 450 vagas do parlamento russo realizada no dia anterior. Assim, teve início um período de três meses de rebelião contra as autoridades. O “Movimento de Dezembro” começou como uma reação pública espontânea à fraude eleitoral que favoreceu o partido Rússia Unida (que é mais um sindicato de burocratas do que um partido), aliado ao Kremlin¹. Mesmo sem manipulação na contagem dos votos, as eleições parlamentares não foram livres e honestas: alguns partidos de oposição tiveram seus registros negados e foram proibidos de concorrer. Outros conseguiram o registro – como, por exemplo, o Yabloko –, mas lhes foi negada a oportunidade de fazer campanhas completas. Oficialmente, a Rússia Unida obteve 49,3% dos votos (238 cadeiras), enquanto os comunistas receberam 19,2% (92 cadeiras), o partido Rússia Justa, 13,2% (64 cadeiras), e o Partido Liberal Democrata da Rússia (PLDR), de Vladimir Zhirinovsky, de extrema direita, 11,7% (56 cadeiras). Porém, especialistas independentes provaram que, na realidade, dificilmente o percentual de votos do partido do Kremlin poderia ter sido superior a 35%².

A explosão de protestos em massa contra a fraude eleitoral não mudou a postura do Kremlin em relação às eleições. Um sistema baseado em “regras incertas, mas resultados certos” não pode permitir uma concorrência genuína. A eleição presidencial de março de 2012 – que levou Putin de volta ao posto político mais alto do país após um período como primeiro-ministro – deixou isso bastante evidente. O

próprio Kremlin escolheu os adversários de Putin e impediu que rivais potencialmente perigosos entrassem na disputa. Dois dos adversários escolhidos a dedo (o líder do Partido Comunista, Gennady Zyuganov, e Zhirinovskiy) são parceiros estratégicos do Kremlin desde o tempo de Yeltsin. Um outro – Sergei Mironov, do partido Rússia Justa – é aliado de Putin há anos. Quanto ao oligarca Mikhail Prokhorov, seria pouco provável que se arriscasse a entrar na disputa sem a aprovação do Kremlin, ainda mais com a prisão de Mikhail Khodorkovskiy como um exemplo do que acontece aos oligarcas que se atrevem a tomar atitudes verdadeiramente independentes.

A escolha desses adversários deveria dar à campanha de Putin a aparência de uma luta política capaz de legitimar sua “vitória” e permanência no poder. O próprio Putin fez uso de sua posição de primeiro-ministro para explorar um arsenal de recursos do Estado, que variaram de tempo de televisão a incentivos financeiros e medidas repressivas para subornar ou intimidar os eleitores. Putin obteve oficialmente 63,6% dos votos, mas – também nesse caso – houve fraude generalizada. Fontes independentes calculam que, na verdade, ele obteve cerca de 46% dos votos totais e apenas 40% em Moscou³.

O descontentamento em massa chocou o Kremlin, que, em um primeiro momento, fez-se valer de suas táticas habitualmente severas. A polícia dispersou a manifestação de 5 de dezembro e, de uma forma nada gentil, prendeu centenas de manifestantes. Mas, ao invés de apagar o fogo, a dura reação apenas o alimentou. Surpresos, observadores russos e estrangeiros perceberam que a população urbana instruída estava completamente alienada em relação a seu governo. Um sistema que parecia estável e resistente revelava-se, então, mais frágil e quebradiço do que muitos pensavam⁴.

As datas dos maiores protestos foram 10 e 24 de dezembro, 4 de fevereiro, 5 e 10 de março. Os números não atingiram os níveis recordes de 1990-91 – quando cerca de meio milhão de pessoas ocuparam as ruas de Moscou –, mas, após duas décadas de sonolência, foi uma

verdadeira reviravolta haver de 70.000 a 120.000 pessoas em uma manifestação. “Cidadãos zangados” começaram a se distribuir em piquetes, em carreatas de protesto pelas principais ruas de Moscou e São Petersburgo e – em uma tática tomada emprestada dos ativistas pela independência do Estado Báltico na década de 1980 – na formação de correntes humanas.

A principal reivindicação dos manifestantes era “Por Eleições Honestas!” – um lema destinado a unir os membros de várias correntes políticas, inclusive os nacionalistas. Os líderes da manifestação, escolhidos por votação on-line, listaram cinco exigências: 1) libertação de todos os prisioneiros políticos; 2) demissão do chefe da Comissão Central de Eleições, Vladimir Churov, e investigação de todas as reclamações de fraude eleitoral; 3) anulação de todos os resultados considerados fraudulentos; 4) registro dos partidos de oposição; e 5) realização de novas eleições parlamentares. Movimentações posteriores adicionaram novas reivindicações por uma “reforma política abrangente” e por observadores independentes para a eleição presidencial.

Inicialmente, os dezembristas não chegaram a colocar em xeque a pedra angular do sistema – o monopólio executivo do poder, consolidado na Constituição de 1993 – e se contentaram em reivindicar regras honestas de jogo dentro da estrutura personalista de poder. Todavia, não demorou muito para que essa situação sofresse uma reviravolta e esses manifestantes passassem a denunciar o próprio regime de Putin. As crescentes demandas por uma expressiva reforma indicavam que o movimento estava cada vez mais se voltando contra o sistema e que a sociedade russa estava começando a entender a necessidade de uma mudança abrangente em relação a princípios básicos.

A raiva generalizada derrubou a imagem de uma sociedade russa apática e desmoralizada. A base do Movimento Dezembrista é ampla e inclui uma vasta variedade de residentes urbanos descontentes oriundos dos vários níveis de renda, faixas etárias e preferências políticas. Os manifestantes não são exclusivamente da classe média, mas são

bem instruídos (70% concluíram o ensino médio)⁵. Parece que o regime de Putin contrariou o que pode ser chamado de parte mais avançada ou “moderna” da sociedade russa, acabando, assim, com suas esperanças de uma modernização “de cima para baixo”.

Causas e Ímpeto

Foi só a fraude eleitoral que desencadeou os protestos? Eleições fraudulentas já haviam ocorrido antes na Rússia pós-soviética: sob o regime de Boris Yeltsin, durante os dois primeiros mandatos de Putin como presidente e no governo de Dmitri Medvedev. Todavia, nenhuma delas levou a contestações em massa. Precisamos separar as causas dos protestos de seus agentes catalisadores. O descontentamento com o regime de Putin entre a população urbana instruída vem aumentando há algum tempo, à medida que as pessoas testemunham o cinismo, a corrupção nada velada, a forte arrogância oficial e a imobilidade geral exibida em seu governo. Ao final do segundo mandato de Putin (entre 2006 e 2008), as bases de seu acordo implícito com o país estavam começando a se desgastar. Os setores mais ativos e dinâmicos da sociedade queriam mais do que a oferta de estabilidade do Kremlin, baseada em olhar para o passado e permanecer dentro dos estreitos limites dos velhos mitos sobre a Rússia e o mundo. As pessoas começaram a se cansar da ideia de que deveriam ficar contentes enquanto as autoridades deixassem que ganhassem suas vidas, em troca de ficarem fora da política e reconhecerem que as autoridades têm a palavra final sobre assuntos de direito de propriedade, tornando a corrupção um lubrificante essencial quando surgem atritos.

Inevitavelmente, chegou um momento em que a fórmula de Putin para a “paz social” não satisfazia mais uma grande parcela da população. Muitos interpretaram que esse pacto não poderia garantir-lhes oportunidade, prosperidade e nem mesmo segurança básica. Além disso, Putin não tinha nenhum senso dos tipos de melhorias sociais que poderiam dar aos jovens algum auxílio na superação de suas dificulda-

des e uma chance para se aprimorarem. A crise econômica e financeira de 2008 – e o modo como Putin e sua equipe reagiram a ela, mantendo sua própria riqueza e a dos oligarcas próximos a eles – colocaram em destaque as falhas de seu modelo.

Com toda a conversa sobre modernização sob a presidência de Medvedev, a corrupção apenas fortaleceu seu domínio e se aprofundou no sistema, aumentando o entendimento do público de que o país estava em um beco sem saída e que seus dirigentes eram incapazes de realizar uma mudança genuína. O legado de Medvedev se parece muito com o de Leonid Brezhnev, que governou a URSS de 1964 até sua morte, em 1982. Na época de Brezhnev, a distância entre as declarações do líder e a vida real se tornou tão grande que as pessoas já cansadas de padrões duplos e dissonâncias cognitivas rejeitaram totalmente o sistema soviético.

Duas outras circunstâncias também desempenharam um papel fundamental no crescimento da hostilidade ao regime, hostilidade esta que estava se formando abaixo da tranquila superfície. A primeira foi a proeminência de uma geração mais jovem que cresceu sob o governo de Putin e que estava livre de complexos soviéticos, da nostalgia e do medo. A segunda foi a ascensão da internet. Lembro-me de minha decepção com os jovens russos na primeira década de Putin no poder, quando fiquei perplexa com seu conformismo e desejo de achar lugares dentro do sistema a qualquer custo. Inesperadamente, muitos membros dessa geração passaram a ter um novo olhar sobre suas vidas e perspectivas. Eles transformaram o anteriormente popular Putin, primeiro, em objeto de zombaria e, mais recentemente, de puro desprezo.

Quanto à internet, ela não só facilitou a organização de protestos, como também ajudou a formar uma visão alternativa do mundo e uma outra cultura política. Milhões de russos que obtêm notícias e informações on-line começaram a ver o governo como um antagonista. Com novas formas de imprensa e outras ferramentas independentes de comunicação, eles puderam criar comunidades de opinião “fora” do

controle do Estado russo. Tudo isso teve importância, muito embora tenha rapidamente ficado evidente que o ativismo on-line nunca poderia substituir as formas mais tradicionais de participação política do “mundo real”.

O ímpeto inicial para transformar o sentimento de insatisfação em ação veio em 24 de setembro de 2011, quando Putin e Medvedev anunciaram que haviam planejado o tempo todo trocar os cargos, de modo que Putin, com seu cargo preservado por seu confederado mais jovem, pudesse uma vez mais se tornar presidente. Para milhões de russos, essa revelação de que os mais altos cargos do país estavam sendo tratados como joguetes pessoais foi como um tapa na cara e um soco na dignidade nacional. O povo, até então calado, decidiu que não podia mais segurar sua língua. A fúria que estava crescendo ao longo do tempo se transformou em disposição para um protesto aberto.

As autoridades não perceberam que as grandes cidades já haviam se cansado de Putin e não queriam vê-lo de volta ao Kremlin. As eleições deram ao povo a chance de participar do processo político oficial, e a fraude que se seguiu lhe deu fundamentos para manifestar de uma forma aberta e legal seu descontentamento. Preocupado com sua legitimidade, o Kremlin não podia simplesmente dissolver os protestos pela força (embora tenha feito isso depois, quando uma nova rodada de manifestações irrompeu em maio de 2012).

Como os protestos da “Primavera Árabe” – que começaram um ano antes –, os protestos russos iniciados em fins de 2011 têm demonstrado um forte componente ético, dado que as pessoas exigem que o Estado respeite seus direitos e sua dignidade como cidadãos. O “movimento pela dignidade” na Rússia pôs em evidência uma nova geração de líderes civis. Esses líderes desempenharam um papel ambíguo na evolução do movimento. Eles tentaram manter os protestos moderados e amigáveis, evitando o que consideravam ser uma politização excessiva. (A primeira plataforma ideológica das manifestações era tão confusa que até um ex-ministro do gabinete e o chefe de uma empresa estatal se juntaram a ela). A agenda vaga pode ter ajudado a ampliar a

base dos protestos, porém à custa do enfraquecimento de seu potencial transformador. Além disso, o confronto aberto com o Kremlin requer um grau de coragem e autossacrifício para os quais os líderes civis e muitos manifestantes urbanos não parecem prontos.

Também há dúvidas sobre até onde a classe média russa deseja chegar na mudança do sistema. Um modelo de democratização associado ao trabalho de Samuel P. Huntington pressupõe que os cidadãos de classe média se tornam uma força rumo à maior autonomia e liberdade política nos ambientes autoritários à medida que crescem sua interferência e prosperidade econômicas. Isso pode não ser tão simples na Rússia, onde uma boa parcela da classe média vive à custa de seu papel de prestadora de serviços à burocracia do Estado ou a grandes empresas estatais, como a Gazprom. Para esses indivíduos, os protestos podem ser menos relacionados à transformação do sistema e mais à obtenção de acordos melhores em seu interior.

O desejo do movimento de preservar suas raízes cívicas emana da visão, recorrente na Rússia, de que política é um jogo sujo. Em alguma medida, tal movimento foi resultado da frustração de parte da oposição que se encontra fora do sistema ou que é contrária a ele. Essa oposição “antissistema” não conseguiu obter uma ampla base de apoio político – não que formá-la fosse fácil, dada a associação de Putin com anos de crescimento econômico. Além disso, a maioria dos líderes da oposição contra o sistema é vista como uma relíquia da época de Yeltsin, a qual é amargamente lembrada por muitos russos. Outra opinião comum em relação a essas lideranças é que suas ambições conflitantes e sua incapacidade de concordar em um programa comum impediram-nas de se tornar uma força poderosa. Dito isso, tais líderes e grupos ainda merecem crédito por manterem acesas as chamas do descontentamento durante os difíceis anos de repressão de Putin. A capacidade do Movimento Dezembrista de implantar seus mecanismos tão rapidamente deveu-se, acima de tudo, ao envolvimento crucial da oposição antissistema nas primeiras mobilizações.

No entanto, após a eleição presidencial de 4 de março de 2012, ficou claro que a agenda de protestos estava se enfraquecendo. As autoridades não atenderam uma única reivindicação dezembrista. Continuar enchendo as ruas com as mesmas reivindicações não teria feito nenhum sentido e teria deixado apenas o movimento paralisado, quando o que precisava era tomar fôlego.

As Realizações do Movimento, e seus Limites

Podemos tirar várias conclusões da primeira rebelião russa do século XXI. Primeiro, o Movimento Dezembrista nunca teve a chance de realmente provocar uma mudança no sistema ou no regime russo. Não havia nem uma liderança unificada, nem um programa claro, e, como vimos, havia uma falta de apetite por politização. Todavia, em apenas alguns meses, os protestos mudaram o clima político da Rússia e marcaram o fim da indiferença pública em relação à política. A dissidência do povo desferiu um sério golpe no sistema personalista, abalando suas bases e acelerando seu processo de perda de legitimidade. Os protestos viram antigas ilusões e tabus começarem a ruir, inclusive a esperança de que as autoridades entendessem a necessidade de mudança e se dispusessem a persegui-la. Os protestos mostraram que uma nova geração estava entrando em cena, uma geração relutante em continuar vivendo na dependência enfadonha de Putin. Durante os protestos, essa geração criou um grupo de novos líderes. Eles não trazem mais no sangue o tradicional medo das autoridades e têm o potencial para elevar a outros patamares novos tipos de protestos populares.

Há muito tempo acostumado com uma sociedade apática e despreparado para qualquer descontentamento sério, o Kremlin, inicialmente, escolheu o pior meio possível de reagir: ele endureceu. Chocado e aparentemente confuso, Putin piorou as coisas insultando os manifestantes. As autoridades logo recuperaram a compostura e começaram a controlar os danos. Com uma mão, elas enfrentaram a repressão com mais cuidado. Com a outra, distribuíram informações sob o regime,

procuraram atrair formadores de opinião e personalidades públicas populares – convidando-os para encontros com Putin e Medvedev ou para participações em grupos de discussão patrocinados pelo regime – e tentaram dividir a oposição e desacreditar seus líderes. Essas táticas eram conhecidas, mas a agressividade e o desespero que as estimulavam eram algo novo. As autoridades tentavam freneticamente salvar o que restava da legitimidade do sistema que desaparecia rapidamente.

A equipe de Putin decidiu diminuir a utilização da força (que, em todo caso, havia sido usada com mais frequência nas províncias) em favor de um método mais suave que envolveria o Movimento Dezembrista em um sufocante abraço oficial. Medvedev enviou ao Parlamento um pacote de projetos de lei de aparência “liberalizante”, sem nenhuma possibilidade de pôr em risco o forte domínio do governo sobre o poder⁶. As autoridades começaram a repetir slogans de protesto, enviando seus manifestantes pró-Kremlin – geralmente, trabalhadores estatais trazidos de ônibus – para as ruas, para gritarem “Por eleições limpas!”. Toda vez que os dezembristas se reuniam em um evento, o Kremlin imediatamente fazia o mesmo. Se a oposição realizasse uma carreata de protesto, os seguidores de Putin faziam a mesma coisa em favor do Kremlin. Se os manifestantes enchessem uma praça da cidade, eles podiam ter a certeza de que o Kremlin encheria outra praça com um número ainda maior de seus próprios seguidores, a maioria dos quais era paga por sua participação.

Com tudo isso, o Kremlin continuava insistindo que os dezembristas eram fantoches e mercenários estrangeiros pagos pelo Ocidente para fomentar outra “revolução colorida” e que a luta do regime contra eles era, de fato, uma luta nobre para preservar a honra e a independência da Rússia. Também nesse caso, o Kremlin não podia propor nada novo. Como sempre na Rússia, quando as autoridades se sentem pressionadas, elas repetem o velho refrão da “fortaleza sitiada” e iniciam uma busca por inimigos internos e externos. Aos olhos do Kremlin,

o principal inimigo é a oposição liberal supostamente financiada pelos Estados Unidos. A falta de evidências que apoiem essas afirmações nunca incomodou o partido dominante. Seus manipuladores de opinião parecem achar que, se esse tipo de propaganda funcionou no passado, vai funcionar agora – e ainda mais, já que o antiamericanismo atende aos próprios pontos de vista de Putin.

Surpresos com a nova agressividade de Putin, os observadores ocidentais se apressaram em publicar notas para tranquilizar o público, indicando que não se pode acreditar piamente na retórica do Kremlin. O discurso do líder russo seria apenas parte de uma campanha eleitoral e não faria com que Moscou abrisse mão de seu costumeiro pragmatismo. Mas a realidade não é tão simples. À medida que sua legitimidade se enfraquece, Putin e sua equipe veem o seu controle sobre o poder escapar-lhes de modo irreversível. Nesse cenário, o comportamento de “fortaleza sitiada” se torna uma ferramenta básica para tentar salvar não apenas o regime, mas também todo o sistema personalista.

A forte preocupação das autoridades se refletiu claramente na decisão do Kremlin de tomar a arriscada medida – emprestada de Nicolae Ceausescu, da Romênia, e de Viktor Yanukovych, da Ucrânia – de defender as províncias contra a capital e usar provincianos a favor do regime para intimidar os dissidentes. Para o próprio Putin, balançar o barco russo dessa forma é um sinal de quão limitados são realmente os recursos do Kremlin. Tentar manter o *status quo* tomando medidas que poderiam minar a estabilidade cheira a desespero e não parece ser uma postura vencedora no longo prazo.

O Kremlin recorreu ao paradigma estatal-militarista que, há séculos, mantém a Rússia presa ao domínio de czares e autoridades do regime. Vinte anos depois da queda soviética, a elite russa não encontrou uma nova forma de governo. Em vez disso, ela está tentando prolongar sua estada no poder, voltando a combater inimigos imaginários e espalhando um clima de confronto civil.

Todavia, as contradições são surpreendentes. Estamos falando, afinal, de uma elite política que se integrou confortavelmente a um modo de vida ocidental, enquanto tenta manter seu próprio país preso dentro de um sistema que deveria ter sido descartado há muito tempo. A onda de protestos mostrou que está esgotado esse método outrora aparentemente eficaz de, a um só tempo, controlar a sociedade e projetar uma imagem de pertencimento à civilização ocidental. O Kremlin começou a procurar um novo equilíbrio entre a agressividade antiocidental e sua necessidade de manter ligações com o Ocidente, as quais possibilitam às elites russas uma vida confortável. O sucesso do Kremlin na busca por esse novo equilíbrio depende da disposição ocidental em manter, ou não, sua política de convivência tácita com o grupo dominante russo.

Tarde Demais para Reformas

Em março de 2012, a maré de agitações pareceu baixar. Após o apaziguamento dos protestos, a sociedade russa parecia desorientada e confusa, enquanto as autoridades começavam a recuperar (pelo menos superficialmente) seu costumeiro ar de autoconfiança. O campo da oposição ficou dividido entre o que havia sido realizado até aquele ponto e qual seria o próximo passo. Todavia, a atmosfera de calma era ilusória. No dia 6 de maio, milhares de moscovitas – acompanhados por visitantes de outras cidades – encheram as ruas da capital para protestar contra a posse de Putin. Dessa vez, as autoridades os dispersaram com brutalidade, capturando e prendendo centenas. Pela primeira vez, os manifestantes lutaram com a polícia e inventaram novas formas de resistência destinadas a ocupar as praças da cidade. Uma etapa nova e mais antagônica havia começado no confronto entre o Kremlin e a sociedade.

À primeira vista, pode-se ter a impressão de que o personalismo pode continuar. O comércio de *commodities* continua abastecendo os cofres do Estado. A elite volta a se animar com as ideias de que o problema ainda está muito distante e que os protestos podem ser sufoca-

dos com medidas repressivas – e os altos membros dessa elite sabem que podem fugir da Rússia caso ocorra um cataclismo. Brigas e lutas internas ameaçam consumir a oposição. O antagonismo nacionalista contra os não-eslavos (particularmente os migrantes domésticos do norte do Cáucaso) parece ser capaz de proporcionar um canal promissor pelo qual as autoridades possam direcionar as paixões populares, ainda que o Kremlin se preocupe com o fato de a exploração política do nacionalismo ter seus limites e poder ficar fora de controle.

A nostalgia imperial – ainda forte em algumas regiões – reduz o descontentamento político (Putin é um defensor da pretensão da Rússia ao *status* de grande poder). O mesmo acontece com a atomização, a desmoralização e a degradação enraizadas na sociedade russa. Tudo isso se reflete na perda das antigas relações culturais e na difusão de males sociais – indicados por altas taxas de alcoolismo, aborto, assassinato, suicídio, esfacelamento familiar e mortalidade masculina prematura – que atormentam a Rússia e que afastam grandes segmentos da sociedade russa do ativismo em nome da dignidade cívica. E há também o peso inerte da enorme burocracia governamental contrária a mudanças.

Não devemos menosprezar o papel desempenhado pelo medo nesse sistema. Os segmentos mais vulneráveis da sociedade se mantêm fiéis ao Estado e sentem-se apavorados com a perspectiva de qualquer mudança. As elites e os intelectuais se preocupam com uma revolta cega vinda de baixo, mesmo tendo comportamentos que a tornem mais provável. Os liberais temem que qualquer liberalização real cause o colapso do Estado, assim como a *perestroika* de Mikhail Gorbachev. “A Rússia”, eles alertam, “é apenas uma URSS menor”. Deve-se admitir que esse temor não é infundado: a Rússia continua a ser um “império meio congelado”, que inclui segmentos incompatíveis (a Chechênia, por exemplo) cuja participação na República Russa não resistirá à sua liberalização. A propósito, o exemplo checheno não mostra que a Rússia já começou efetivamente a perder território mesmo sem a liberalização?

Temerosos, sem novas estratégias e inseguros quanto à natureza da mudança política e suas implicações, os poderosos grupos de interesse entrincheirados na elite e nos círculos intelectuais estão tentando se convencer de que o atual regime tornar-se-á, de algum modo, uma força em direção à mudança. Por essa razão, escuta-se, agora, o argumento de que “Putin 2.0” se verá forçado, querendo ou não, a fazer a reforma, devendo, portanto, ser apoiado. Entretanto, se Putin está destinado a se tornar o transformador da sociedade russa, por que não o fez antes? Certamente, os líderes podem mudar de curso quando estão sob pressão, mas o que a Rússia precisa é de uma reviravolta em todo o sistema, e não apenas de uma correção de rumo. Até agora, a experiência russa mostrou que reformas “de cima para baixo” só tornam a autocracia mais eficaz na contenção da transformação. O monopólio do poder pela equipe de Putin é a principal fonte de degradação do país. Somente uma mudança para um cenário de concorrência política justa e honesta pode abrir o caminho para a resolução desse problema. Mas irá Putin abdicar? E, se ele está pronto para uma verdadeira mudança, por que não começou com uma eleição presidencial honesta?

Quanto à ideia, apoiada por alguns liberais, de que a modernização econômica no fim das contas trará a liberalização política em seu rastro, deve-se lembrar que as autoridades têm trabalhado na modernização da economia há anos; mas com quais resultados? Qualquer noção de “modernização”, com o significado de fortalecer o controle do Estado e o poder do monopólio sobre a economia, não pode, por definição, significar liberalização. Como as mais básicas medidas “economicamente racionais” – como, por exemplo, o combate à corrupção – podem ser tomadas quando o parlamento se transformou em um circo e tribunais independentes e meios de comunicação se encontram enterrados sob espessas camadas de manipulação e intimidação? No entanto, lamentavelmente, a “modernização de cima para baixo” continua popular entre alguns liberais russos iludidos, os quais parecem

fascinados pela ideia de transformar a Rússia em uma versão mais fria da Cingapura de Lee Kuan Yew.

Outro mito precioso para aqueles que acham que o *Titanic* russo pode se manter ativo é a crença em uma reforma “gradual”. Os adeptos do “curso gradual” afirmam que a reforma deverá começar em áreas selecionadas, como educação, saúde e agricultura, e só então se espalhar. Mas como reformar esses setores sem acabar com os monopólios e abri-los à concorrência e sem o império da lei e tribunais independentes? O monopólio do poder pelas autoridades impossibilita qualquer reforma, mesmo limitada a esses setores.

As manobras táticas das autoridades e os mitos espalhados pelos propagandistas do Kremlin não podem mais dar conta de uma crise que já começou. A suposta adaptabilidade do “sistema russo” mostrou-se uma ilusão: mudanças superficiais não podem mais esconder uma rigidez mais fundamental. O sistema não garante aos russos nem segurança pessoal, nem bem estar econômico, nem um senso de dignidade civil. O sistema só funciona para satisfazer grupos de interesse à custa da sociedade em geral. Os “paraquedas dourados” que as elites mantêm na forma de ativos guardados no Ocidente provam que nem mesmo elas acreditam na sustentabilidade da atual ordem política. O paradoxo é que sustentar o *status quo* significa acelerar a queda do sistema, mas as tentativas de atualizá-lo sem liquidar sua base (o personalismo) ameaçam causar o seu colapso, nada diferente do que aconteceu com o comunismo em 1991. Todavia, uma recusa em atualizá-lo – uma adesão ao imobilismo – aumentará a ameaça de uma súbita implosão, a qual poderá ser sangrenta, dada a presteza do Kremlin em recorrer à violência.

O retorno de Putin ao Kremlin mostra que seu séquito quer se agarrar para sempre a seu monopólio. Como o próprio Medvedev declarou, o principal instrumento do grupo para resolver os problemas da Rússia é a decisão de “não abandonar o poder” nos próximos dez ou quinze anos, pelo menos. Para eles, abrir mão do controle político poderia

significar não só a perda de bens, mas também a perda da liberdade ou até da vida. As luzes se acenderam tarde no Kremlin durante a Primavera Árabe e conclusões foram tiradas: perca seu controle do poder e acabará como Hosni Mubarak ou Muammar Kadafi. Os atuais governantes da Rússia não querem se tornar outra variação do tema “os autoritários acabam mal”, embora, quanto mais fortemente se agarrarem ao Kremlin, mais tornam provável e perigoso um pouso difícil.

As dúvidas permanecem: poderá a Rússia, como um Estado-Nação, sobreviver mesmo que o “sistema russo” se degenere e se desfaça? Qual preço os cidadãos comuns serão obrigados a pagar? O Estado e o país se fragmentarão ou de algum modo permanecerão inteiros mesmo que sejam renovados? Poderemos ter respostas para essas perguntas mais cedo do que pensamos.

O Fim da Matriz Russa?

Olhando para a Rússia depois dos protestos que se seguiram às eleições, é possível que tenha ficado a impressão de que o estado “normal” de esquecimento letárgico estava se fixando mais uma vez em todo o país. As pessoas se comportam como se aceitassem a continuação do governo de Putin, pelo menos na falta de outra opção: em uma pesquisa realizada em fevereiro de 2012, conduzida pelo Levada Center, somente 14% dos entrevistados disseram achar que Putin tinha as “melhores soluções para a Rússia”, porém 35% achavam que ninguém as tinha⁷. Os confrontos de maio indicaram que o silêncio poderia ser o prenúncio de um novo e mais perigoso *tsunami*. A opinião está se voltando contra Putin e o personalismo. Em uma pesquisa realizada pelo Levada Center em outubro de 2011, cerca de 68% dos entrevistados já diziam que os interesses dos detentores do poder e da sociedade em geral não coincidiam, enquanto somente 24% afirmavam o contrário⁸. Em uma pesquisa em março de 2012, somente 5% disseram que aqueles que estavam no poder “estavam preocupados com o bem estar das pessoas comuns”. Apenas 19% disseram que as autoridades “estavam

preocupadas com os interesses do país”, enquanto 63% afirmaram que as autoridades estavam preocupadas com seus próprios interesses, com seus desejos de manter o poder e com a defesa de grandes interesses corporativos. Somente 23% tinham uma opinião positiva da equipe dominante⁹. Em uma pesquisa no final de dezembro de 2011, cerca de 61% estavam certos de que 2012 não seria um ano tranquilo e relataram sentimentos de mau presságio. Quase 21% achavam que a Rússia iria sofrer um golpe de Estado, enquanto 56% disseram que uma nova agitação era possível¹⁰.

O regime já perdeu o apoio de importantes grupos sociais e poderá perder ainda mais à medida que os problemas econômicos e fiscais se acumulam. “Nenhuma mudança e nenhuma estabilidade” é uma situação precária para qualquer liderança. Entretanto, o ato final do regime pode levar algum tempo e exigir mais do que várias ondas de protesto. Ainda há grupos poderosos, tanto na elite como nos níveis populares, interessados em preservar o sistema, em geral, e o poder dos parceiros de Putin, em particular. Esses grupos incluem não só interesses comerciais, mas também os “liberais do sistema” (que podem ter seus problemas com ele, mas que, ainda assim, o servem), bem como a tradicional população industrial soviética, que conta com o Estado para sobreviver.

Se o apego pessoal de Putin ao poder não for mais sustentável, seu grupo poderá concordar com sua saída voluntária e com uma remodelação da liderança – ou poderá haver um golpe de Estado. O sistema personalista é mais profundo do que o regime atual e uma mudança entre os cargos mais altos poderá permitir que a situação se estenda por mais algum tempo. Mesmo entre manifestantes e intelectuais, pode-se detectar um anseio por uma liderança carismática e um novo salvador. A morte do sistema que sufoca a Rússia há séculos poderá ser um processo longo e dramático.

São três os pilares remanescentes desse sistema. O primeiro é a mentalidade neoimperial da Rússia como um superpoder, a qual se

mantém influente no interior da classe política e entre alguns segmentos da sociedade. Putin e sua equipe se aproveitam disso, enfatizando o papel global da Rússia, a percepção de Moscou de que é necessário espalhar sua influência pelas regiões pós-soviéticas, a criação da União Eurasiana, a indivisibilidade da Federação Russa e a suposta necessidade de manter sob sua tutela, como protetorados de fato, suas regiões “estrangeiras” (como o norte do Cáucaso).

O segundo pilar é uma forma militarista de estadismo que aponta para a existência de ameaças reais ou (mais frequentemente) imaginadas à Rússia, a fim de legitimar a subjugação da sociedade. A meta de Putin de uma “nova industrialização” baseada no complexo militar-industrial é esse antigo modelo disfarçado com uma nova aparência.

O terceiro pilar é a apreensão dos governos ocidentais que preferem uma Rússia estável, ainda que não democrática, a uma Rússia em vias de mudanças imprevisíveis. A aprovação tácita do Ocidente, ou pelo menos sua aceitação, é uma fonte significativa de legitimidade para o regime de Putin – ainda mais quando ele observa o esfacelamento de sua legitimidade doméstica. O fato de os governos ocidentais que enfrentam seu próprio desconforto e perturbação não terem mais estômago para uma turbulência na Rússia não é nenhuma surpresa. Todavia, o Ocidente, com seu silêncio e passividade, está ajudando indiretamente (e, em alguns casos, diretamente) o “sistema russo” a parecer civilizado, complicando, dessa forma, o caminho da Rússia rumo a uma democracia liberal¹¹.

A única maneira de se transformar o sistema russo em algo mais democrático é eliminar a velha tríade formada por personalismo, união dessa forma de poder com interesses comerciais e pelas ambições neoimperiais. Uma poderosa pressão da sociedade será necessária. Os agentes políticos e sociais prontos para exercer esse tipo de pressão contínua e organizada ainda não apareceram. Todavia, os indícios que temos testemunhado na sociedade nos últimos meses nos dão a esperança de que os agentes da mudança possam surgir em um

futuro não tão distante. Eles poderão surgir entre os níveis intermediários da elite intelectual, dos meios de comunicação e do meio empresarial, particularmente em setores fortemente ligados à *expertise* e à inovação, e entre as pessoas mais jovens – aquelas mais distantes do passado soviético. Até recentemente, as constantes medidas repressivas e campanhas difamatórias do Kremlin impediam a oposição de ganhar força. Hoje, no entanto, está começando a parecer mais provável que esses esforços do regime saiam pela culatra, despertando uma resistência maior e mais ampla em resposta e incitando a sociedade a forçar a abertura de um espaço mais autônomo para além do alcance do controle do Estado.

No entanto, mesmo que os agentes da mudança apareçam e se preparem para a luta, a Rússia enfrentará outro problema. Tanto entre as elites como nos níveis populares, o país está repleto de grupos poderosos que se beneficiam do sistema existente e que deverão lutar por ele. Além disso, as elites pós-comunistas formaram um sistema que deliberadamente carece de meios constitucionais e políticos para resolver conflitos e impasses. Isso levanta a possibilidade preocupante de que a “batalha” pelo futuro do sistema poderá ser menos metafórica e institucional, e mais literal e travada nas ruas. Por isso, há um estreito laço entre o grupo dominante e os serviços de segurança. As esperanças da realização de uma “transição pactuada” entre os pragmáticos do sistema e a oposição parecem sombrias diante dessa circunstância¹². A revolução poderá ser a única resposta à pergunta sobre como afastar os grupos que procuram tirar proveito do Estado e reestruturar o sistema de modo que ele fique aberto a novos interesses. As frustrações oriundas da falsa liberalização e de esforços superficiais para uma mudança trivial poderão tornar esse processo revolucionário mais intenso e violento do que poderia ser.

A Rússia está agora em uma corrida contra o tempo. Caso uma verdadeira alternativa ao atual regime não surja nos próximos cinco ou dez anos, o sistema poderá simplesmente começar a se desintegrar.

Isso complicaria as tentativas de se criar novas regras baseadas em princípios liberal-democráticos. A queda espontânea do velho sistema e o descontentamento público poderá provocar uma repetição de 1991 e fazer com que o sistema personalista se reestruture dentro de uma nova embalagem. Seja como for, o fim do sistema russo está em marcha acelerada e a classe política e a sociedade não têm muito tempo para encontrar saídas pacíficas para o atual impasse antes que o sistema comece a se desfazer.

Hoje, existe algo novo no horizonte político russo: um sentimento, compartilhado por amplas camadas da sociedade, de que o personalismo não tem futuro. O putinismo, como um estilo de liderança e um tipo de regime com alguma esperança de legitimidade, está morto, mas ainda não se foi. O problema é como fazer com que ele seja enterrado com segurança junto com a estrutura institucional que ele incorpora.

NOTAS

1. Os artifícios que as comissões eleitorais dirigidas pelo Kremlin usaram para assegurar a vitória da Rússia Unida incluíam votação fraudulenta, adulteração dos resultados, uso de “carrosséis” (pessoas pagas para irem de uma seção eleitoral à outra e votar na Rússia Unida), adição de “pessoas falecidas” às listas de votantes e uso da polícia para afastar os observadores independentes dos locais de votação.

2. Veja a página www.novayagazeta.ru/topics/12.html.

3. Veja as entrevistas dos peritos independentes Dmitri Oreshkin e Alexander Kynev sob o título “In reality Putin did not Win” (“Na Realidade, Putin Não Ganhou”), na página www.svobodanews.ru.

4. De Vladislav Inozemtsev, “Neo-Feudalism Explained”, *American Interest* 6 (Março-Abril de 2011): 73. As agências russas de pesquisa de opinião também deixaram de detectar o aumento do descontentamento – os entrevistados nem sempre diziam a verdade quando lhes perguntavam como se sentiam com relação às autoridades. Um especialista chegou à conclusão de que o regime de Putin é resistente e de que os russos são despreparados para a dissidência porque os mais propensos a protestar haviam deixado o país ou se organizado de forma dispersa na

internet.. Ver de Ivan Krastev, “Paradoxes of New Authoritarianism”, *Journal of Democracy* 22 (Abril de 2011): 15.

5. Segundo as pesquisas realizadas pelo Levada Center, a maioria dos manifestantes se identificou como especialistas técnicos, gerentes de nível médio, jornalistas ou estudantes. Entrevista com Lev Gudkov, “Dissatisfaction with Authorities Is Intensifying” (“A Insatisfação com as Autoridades Está Aumentando”), *Izvestia*, 6 de março de 2012.

6. Medvedev propôs modificar as leis dos partidos políticos para facilitar o registro deles. Todavia, o mesmo pacote de modificações proposto continha também disposições destinadas a fragmentar e enfraquecer ainda mais a oposição, multiplicando o número de minúsculos partidos sem qualquer expressão, dificultando a formação de coalizões e mantendo fortes controles estatais sobre as atividades partidárias. Ele também sugeriu a ideia de eleições governamentais que seriam diretas, embora rigorosamente “filtradas”, para excluir candidatos independentes.

7. Veja a página www.levada.ru/24-02-2012/vybory-prezidenta-dopolnenie-k-prezentatsii-chast-1-mitingi-protesta-i-v-podderzhku-vputi.

8. Veja a página www.levada.ru/17-11-2011/o-pravakh-cheloveka-interesakh-vlasti-i-obshchestva-v-rossii. Cerca de 44% dos entrevistados apoiavam os protestos de Moscou; 46% disseram que a principal razão para os protestos “foi o fato de o Estado não respeitar os direitos das pessoas”; e 54% concordaram que as autoridades haviam transformado o voto popular em um “processo para se perpetuarem no poder”. Veja Georgy Ilichev, “The December Folks,” *Novaya gazeta*, 11 de Janeiro de 2012. Veja a página www.levada.ru/19-12-2011/moskvichi-ob-oppozitsii-i-aktsiyakh-protesta-vystu-pleniyakh-v-podderzhku-edinoi-rossii. Em uma pesquisa realizada em março de 2012, somente 15% dos entrevistados disseram que acreditavam que as eleições presidenciais foram justas. Veja também a página www.levada.ru/04-04-2012/rossiyane-o-chestnosti-proshedshikh-vyborov-i-dvizhenii-liga-izbiratelei.

9. Veja a página www.levada.ru/03-04-2012/rossiyane-o-politicheskom-rezhime-i-lyudyakh-kotorym-prinadlezhit-vlast.

10. Veja a página www.levada.ru/29-12-2011/chego-ozhidayut-rossiyane-v-nastupayushchem-godu.

11. Os liberais russos estão se tornando abertamente críticos da principal abordagem ocidental ao regime russo: “Paris e Berlim são sólidas defensoras de Putin. A política

de Obama para a Rússia é muito mais vantajosa para Putin e seu círculo interno do que [era] a do ex-presidente americano Bush”; de Vladimir Ryzhkov, “Replace Jackson-Vannik with the Magnitsky Act,” *Moscow Times*, 20 de março de 2012.

12. O processo de potencial dissidência dentro do grupo de Putin pode já ter começado. O ex-ministro da fazenda, Alexei Kudrin, tornou-se um crítico ferrenho do sistema. “Precisamos de liberdades políticas e concorrência política”, declarou ele. Mas, ao mesmo tempo, ele salientou que “o processo deverá ser evolucionário”. Veja a página <http://akudrin.ru/news/bazovye-nashi-nedostatki-lechatsya.html>. Essa retórica mostra que os “liberais do sistema” ainda não estão prontos para deixar o barco do governo; daí, seu papel nos futuros acontecimentos ser ainda indefinido. Sua hesitação poderá impedir o processo de transformação.



Plataforma Democrática (www.plataformademocratica.org) é uma iniciativa da Fundação iFHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, através da produção de conhecimento e do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo.

Oferece uma infraestrutura virtual com um banco de dados e uma biblioteca *on-line* que facilita o acesso a instituições de pesquisa que trabalham temas relacionados à democracia na América Latina e à sua produção intelectual. Por sua vez, desenvolve pesquisas em áreas-chave para a consolidação da democracia na região, que posteriormente são discutidas com intelectuais públicos latino-americanos e transformadas em textos amplamente difundidos. Conjuntamente com 21 centros de pesquisas associados, localizados em 11 países da América Latina, realiza fóruns para promover o diálogo entre os produtores de conhecimento e os diferentes atores sociais e políticos.

As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:

Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/PublicacoesAmericaLatina.aspx>

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/PublicacoesBrasilAmericaSul.aspx>

Meios de comunicação e Democracia:

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/PublicacoesPlataforma.aspx#MediosComunicacion>

http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Poder_politico_e_meios.pdf

Sociedade civil e democracia:

http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Usos_abusos_e_desafios_da_sociedade_civil_na_America_Latina.pdf

Biblioteca virtual:

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/BuscaPublicacoes.aspx>